



A DOCÊNCIA EM PRIMEIRA PESSOA:

RELATOS SOBRE A EDUCAÇÃO
BÁSICA E SUPERIOR DURANTE
A PANDEMIA COVID-19



**VALDIR LAMIM-GUEDES
(ORGANIZADOR)**



**VALDIR LAMIM-GUEDES
(ORGANIZADOR)**

**A DOCÊNCIA EM PRIMEIRA PESSOA:
RELATOS SOBRE A EDUCAÇÃO BÁSICA E
SUPERIOR DURANTE A PANDEMIA COVID-19**



**São Paulo
2023**

EDITOR-CHEFE: PROF. DR. VALDIR LAMIM-GUEDES

CONSELHO EDITORIAL

PROF. DR. ALEXANDRE MARCELO BUENO (UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE) | PROFA. DRA. ANNIE GISELE FERNANDES (USP) | PROF. DR. ANTÔNIO MANUEL FERREIRA (UNIVERSIDADE DE AVEIRO, PORTUGAL) | PROF. DR. CARLOS JUNIOR GONTIJO ROSA (PUCSP) | PROF. DR. DALVAN A. DE CAMPOS (UNIPLAC; UNA-SUS/UFSC) | PROF. DR. DANIEL MANZONI DE ALMEIDA (UNIVERSITÉ BRETAGNE OCCIDENTALE, FRANÇA) | PROFA. DRA. DEBORAH SANTOS PRADO (UNIFESP) | PROF. DR. FÁBIO AUGUSTO RODRIGUES E SILVA (UFOP) | PROF. DR. FELIPE W. AMORIM (UNESP) | PROFA. DRA. FLAVIA MARIA CORRADIN (USP) | PROF. DR. FRANCISCO SECAR ALVES SILVEIRA (UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI) | PROF. DR. HORÁCIO COSTA (USP) | PROF. DR. JAVIER COLLADO RUANO (UNIVERSIDAD NACIONAL DE EDUCACIÓN, EQUADOR) | PROF. DR. JOSÉ AUGUSTO CARDOSO BERNARDES (UNIVERSIDADE DE COIMBRA, PORTUGAL) | PROF. DR. MARCOS PAULO GOMES MOL (FUNDAÇÃO EZEQUIEL DIAS) | PROF. DR. PEDRO ROBERTO JACOBI (USP) | PROF. DR. RENATO ARNALDO TAGNIN (FACULDADES OSWALDO CRUZ) | PROFA. DRA. SUZANA URSI (USP) | PROFA. DRA. YASMINE ANTONINI (UFOP)

Contatos



**A Editora Na Raiz
é uma empresa com
DNA USP**



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

A docência em primeira pessoa [livro eletrônico] :
relatos sobre a educação básica e superior
durante a pandemia Covid-19 / organizador
Valdir Lamim-Guedes. -- São Paulo, SP :
Editora Na Raiz, 2023.
PDF

Vários autores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-88711-37-8

1. Coronavírus (COVID-19) - Educação
2. COVID-19 (Doença) - Aspectos sociais
3. Educação
4. Experiência - Relatos I. Lamim-Guedes, Valdir.

23-161744

CDD-370.72

Índices para catálogo sistemático:

1. Coronavirus : COVID-19 : Educação 370.72

Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253



**49. OS LUGARES-
CAMINHOS DESEJANTES:
TRANSCLUINDO O SER
DOCENTE EM TEMPOS DE
PANDEMIA**

.....

**LEONARDO SANTOS AMÂNCIO
CABRAL**

Expor-me, ainda que “isoladamente”, aos atravessamentos da pandemia, possibilitou à minha subjetividade e aos meus processos de subjetivação a difícil e lenta re/construção, sustentação e fortalecimento de alicerces que, minimamente, têm amparado minhas estruturas sócio-biológicas.

Neste relato autobiográfico, torno pública a nudez do abalamento de minhas convicções e de minhas coragens intermitentes. Sinto quase como estar em um “não-lugar” de fala, tamanha a atual virtualização de nossas existências. É sentir na pele, em decorrência de um vírus, o que o sociólogo escocês Roland Robertson chamava de “glocalização”, ao restituir à globalização sua realidade multidimensional, sem desconsiderar o caos local.

Escancara-se, assim, os entrelugares cidadãos quase não geográficos e os cuidados e descuidados de si e dos outros. Encurralados pela dicotomia entre os (não) sentidos do viver e o confinamento noticiado, acompanhamos de “perto” a destruição de corpos des/conhecidos de pessoas públicas, familiares, amigos, colegas professores, técnicos-administrativos e estudantes.

Ainda, para além das mais diversas condições socioeconômicas e culturais, os transtornos depressivos e de ansiedade passaram a circular, sem máscaras, por entre os comportamentos virtualizados em telas de duas dimensões, muitas vezes dispostos em mosaicos silenciosos e/ou silenciados, limitados por seus confins audiovisuais, trazendo a fantasia de interação “lado-a-lado”.

Concomitantemente, e paradoxalmente, os limites das relações ofuscaram-se. A (não) compreensão dos territórios digitais de si e dos outros, fragmentou, manteve, desenvolveu e/ou potencializou aspectos como motivação, alteridade altruísta, sororidade, serenidade, discernimento, ética, gentileza. Assim, foram percebidos graduais e irregulares impactos sobre a construção relacional no âmbito de projetos e atuações pessoais e profissionais.

Assim, por mais que muitas das relações virtuais tivessem sido construídas antes do advento da pandemia, presencialmente, minhas ferramentas de acolhimento e construção intersubjetiva virtual mostraram-se insuficientes: como, quando e com quem?

Estranhamente, esse cenário remeteu-me a Milton Nascimento que, ao poetizar e cantar, em outros tempos, encorajou-me: “doce ou atroz, manso ou feroz, vou me encontrar longe do meu lugar [...]. Nada a temer, senão o correr da luta [...]. Vou descobrir o que me faz sentir. Eu, caçador de mim”.

No âmbito de uma instituição de ensino, contexto em que as relações, os interesses, as morais e as éticas são as mais diversas, um dos meus exercícios mais difíceis foi o de compreender os novos lugares de cada um, sem ter contato com os costumeiros signos simbólicos quotidianos dos corredores, laboratórios, salas de reuniões e de aulas, sejam eles as reflexões, expressões (escritas, faciais, gestuais, verbais), críticas, criações, fruições, silêncios e emoções.

Por mais interrogações e menos exclamações

Perceber-me nessas ausências, levou-me à compreensão de que há anos eu me situava em meio a um complexo frenesi institucional que me portava a lugares equivocados (ou me mantinham?), nos quais eu reproduzia a criação de relações decorrentes do apagamento de meus desejos em detrimento daqueles dos outros.

O isolamento social e as atividades remotas possibilitaram-me compreender um pouco mais, mesmo à distância, esses ambientes, por meio de algumas questões norteadoras: quais os espaços existenciais que potencializam ou desvitalizam as comunicações e as interrelações subjetivas institucionais? O que seria a harmonia dos encontros, quando não se conhece o outro ou se o conhece apenas por sua imagem virtualizada? Quem pode compor comigo, sem que a minha diferença seja apagada? Ainda que eu deseje compor com alguém, como sinalizar os meus limites ao acompanhar (e não solitariamente resolver) os propósitos de alguém? Como gentilmente devolvo ao outro, ou nem mesmo recebo em mim, o que não compõe comigo e com meus desejos?

Todavia, mesmo que esses limites venham a ser sinalizados (nem sempre) com doçura, leveza, equilíbrio, cuidado e atenção (nem sempre), não são todos os pares que têm consciência e respeito sobre

os territórios uns dos outros, inclusive sobre aqueles que se constituíram anteriormente à determinação da distância e do distanciamento compulsórios. Equivocadamente, um sujeito institucional tende a compreender a existência do outro como a extensão da sua, culminando em um cenário de estabelecidos e *outsiders*, de relações de poder e de *pseudo amicizie*.

É impressionante o quanto a histórica estruturação cristã e mercantilista da cultura brasileira está imbricada em nossas subjetivações e nos funcionamentos institucionais, sobretudo no que tange à culpa e à tese troquista, distanciando-nos da compreensão de que se não pudermos existir com nossos desejos, conectados à vida, não teremos a potência de construirmos nossos próprios chãos.

Ao compreender esses novos lugares, questionei-me: tenho abraçado os desejos dos outros pares institucionais para que sobrevivam? Eles não dariam conta? Preciso super-protegê-los? Há sentido na vida apenas se o outro existir para eu “cuidar”? Surpreendentemente, esse movimento de conscientização sobre os cuidados de mim e dos outros trouxe consigo um esvaziamento daquilo que toxicamente constituía minha subjetividade pessoal e profissional.

Contudo, nesse processo de dissolução do eu, as pessoas mais “próximas” que não acompanharam esse cuidadoso e necessário esvaziamento de mim e dos outros, tenderam a submeter-me a julgamentos de valor equivocados, o que positivamente retroalimentou e potencializou esse próprio esvaziamento. Evidenciava-se, então, o estranhamento e deslegitimação pelos outros sobre os limites do eu, sobretudo quando passei a me deslocar e transitar por lugares existenciais anteriormente cerceados e impedidos.

Em tempos de pandemia e de isolamento social, um exemplo claro desse incômodo coletivo, foi o de eu não desejar frequentar “grupos de Whatsapp”, Facebook, Twitter, hábito que eu já havia abandonado desde antes das eleições de 2018. Contudo, em um mundo em que, para muitos, a existência humana está cabendo e sendo diluída em ambientes digitais, ficou claro que por eu não estar aderido a dessas modalidades de “convivência”, para além de ser

invisibilizado (e invisibilizar-me), fui me tornando estrangeiro / *stranger* das pessoas que me eram familiares.

Será que esse incômodo é motivado pela sensação alheia de uma despotencialização da colonização naturalizada, de não escuta e apagamento de desejos do outro? Talvez... sobretudo ao compreender o que Lygia Clark chamou de a fantasmática do corpo, sobre o qual o exercício antropofágico não pode ser aceito e nem interrompido. O eu desejante não poderia aparecer, por mais gentil que fosse.

O nascimento de um docente desejante

Se antes os silêncios e ausências me angustiavam, talvez por culpabilizações ou mesmo por uma incessante necessidade de aprovação do outro, agora esses vazios que se abriram passaram a ser acolhidos, reorganizados e entendidos como espaços de movimentos, de existência e de novas possibilidades.

Não nego, claro, que muitas vezes as entranhas desses vazios foram e têm sido banhadas por lágrimas. Mas daí entendo que esses espaços são para brotar. Brotar desejos. Então, vagarosamente, que os desejos são importantes e que sou eu quem importa os desejos. Passei a trazer para dentro aquilo que eu desejava. Nunca o sentido de importar tinha feito tanto sentido para mim.

Assim, nasce e se fortalece um docente desejante, com a ética de existir com coerência, sem apagar a minha existência, nem a dos outros. Nesse processo, para além dos esvaziamentos, das conversas com meus próprios preconceitos e da compreensão das possíveis e potenciais composições, tenho podido identificar uma multiplicidade de outras existências éticas e, também, equivocadas. Isso tem possibilitado sinalizações gentis sobre os confins dos meus espaços, os quais gradativamente têm se mostrado diretamente proporcionais aos meus desejos e inversamente proporcionais à necessidade das aprovações dos outros sobre mim.

Ao contrário do que muitos pensam, esse não é um movimento individualista. Em tempos de pandemia e de proteção à vida, nunca ficou tão evidente a importância do cuidado de si e dos outros. Nesse movimento, passei a sentir a ética da coletividade: a minha liberdade

acaba quando a do outro também acaba. E o contrário não pode ser diferente.

Importa, portanto, sentir e viver o próprio desejo ligado à vida, e compreender que “nenhum corpo sustenta os valores que ele não vive” (palavras de minha querida psicóloga). Assim, a sintonia e a simbiose comigo mesmo tem orquestrado os meus desejos profissionais e pessoais, compondo (e não submetendo-me) a outros desejos, respeitando e compreendendo os lugares que cada um tem assumido na minha história.

À distância, essa trajetória traz ainda mais rostidades, cujos devires híbridos apresentam mais objetos a serem cruzados e organizados. Nesse exercício, junto a colegas, alunos e familiares, questiono-me sobre quais podem ser os meus atuais lugares de acolhimento e onde estão os lugares dos outros. Isso porque, em tempos de pandemia, é fundamental compreendê-los.

Nesse cenário, se há corpos sem limites sofrendo tensões e violações, aqueles com limites mais definidos tendem a perceber os atravessamentos cambiantes aos quais se submetem na composição com o outro e na multiplicidade variável da alteridade.

Daí está o exercício de escuta e a compreensão de que o “como me sinto”, em cada relação, tem a ver comigo e com o outro, a depender de quem seja, seu lugar de fala e de sua troca comigo. Nesse processo, importa que a satisfação, a complacência e a reciprocidade de aceitação constituam a plenitude de entrega mútua.

Da dissolução do eu e da resignificação dos lutos

Para além das centenas de milhares de vidas ceifadas pelo Coronavírus 2 da Síndrome Respiratória Aguda Grave, a pandemia trouxe novas configurações biopsicossociais ao redor do mundo, fundadas desde o negacionismo à atuação direta para os combates em defesa da vida.

Nesse espectro de subjetivações ativas, foi inevitável que as diversas sociedades se aproximassem do luto, cujo assunto levou-me a inúmeros vídeos e livros. Dentre todo o material explorado, uma das

explicações que mais me ajudou foi o do psicanalista Christian Dunker: o luto é compreendido como um conjunto de ações psíquicas que terminam por integrar no interior do eu aquilo/aquele que foi perdido.

É extraordinário compreender que as dissoluções do eu congelado nos lutos mal trabalhados, podem potencializar gradativamente a possibilidade de novas relações, sem recalques e repressões. Uma das representações que ele mencionou, e que muito me marcou, foi a de que todo o processo de integração desse luto no eu resulta em uma “pedra possível de ser carregada” que, inclusive, poderá me ajudar nas relações futuras, desejantes.

Até brinquei com a palavra “pedra”, quando ouvi Christian Dunker dizer que o luto é uma pedra resultante da compressão daquilo que resta de uma perda: quanto maior a pedra [pedrão], maior a perda [perdão]. Isso me levou a clamar a mim mesmo: seja gentil consigo e com os outros, para cada perda e para cada pedra.

Compreendi, assim, que não olhar para a morte é se distanciar da possibilidade do luto e de carregar a pedra do perdão (não necessariamente cristão, diga-se de passagem). Nesse sentido, considerando que nessa pandemia, houveram mortes, dissoluções, esvaziamentos e, conseqüentemente, necessidade dos lutos de mim, questionei-me sobre os lugares dos escombros que me restavam desse tsunami subjetivo.

A (re)construção de meus limites não deve, porém, negligenciar sua explicitude a quem ou a que eu permito que me integre, uma vez que a escuta dos corpos vibráteis e suas mutações desencadeiam devires não paralelos de cada sujeito, em um processo sem fim.

Assim, concomitantemente às perdas de familiares, colegas e alunos (para dizer sobre os mais próximos), tenho buscado elaborar os lutos de mim e dos outros e me esforçado a viver o desejo da vida que se conecta belezas e prazeres, ou seja, às sexualidades ligadas a lugares, coisas, pessoas, momentos, predominantemente artes visuais e literárias; músicas; filosofia; antropologia; psicologia; ancestralidades; aromas; e paladares.

Religando Arte e Vida

Ainda que com minha existência convulsionada pela irrupção e pelo confinamento, o eu docente desejante em seu novo lugar-caminho, potente, dinâmico, ativo, tem realizado um exercício experimental da liberdade, na busca de religar arte e vida, e da coerência do conjunto.

No âmbito curricular, minhas práticas pedagógicas têm sido cuidadosamente planejadas e executadas a fim de incitar os estudantes a libertarem os conteúdos e os atores sociais da “grade” curricular, “disciplinar”, de sua inércia formalista e aura mistificadora, estimulando-os a criar-entrever processualidades incessantes, potências vitais que a tudo agita, inclusive a eles próprios e a seus desejos.

Nesse sentido, considerando-se que atuo na Educação Especial, área historicamente voltada às pessoas com deficiências, essas reflexões levaram-me a repensar até sobre o próprio termo “deficiência”, que a mim e a tantos outros incomoda: se ser vital significa ter potência de existência, autonomia, a deficiência poderia ser compreendida como a despontencialização do vital, por si e pelos outros, em seu contexto? Em uma perspectiva biopsicossocial, o que é realmente é deficiência?

Em contextos virtuais, importa convocar e libertar o espectador da inércia anestesiadora a ponto de participarem ativamente na recepção e percepção da proposta curricular, em sua realização e transformação. Afinal, assim como a vitalidade está para vida, a inércia está para uma existência mecânica.

Um desafio, nessa crise da cartografia da existência humana, é contaminar de mundo os espaços, os materiais e a fabulação da arte e, também, contaminar de arte os espaços sociais, as vidas e corpos vibráteis dos cidadãos comuns. Importante: para essas contaminações, não deveriam ter vacinas político-ideológicas nem máscaras moralistas.

Em meus lugares-caminho desejantes, ao construir minhas margens, fronteiras, contornos e limites, mesmo em espaços virtuais, o constante exercício de escuta não colonizável e não-colonizadora,

finalmente compreende que cada um tem sua própria lógica de entrega e de troca, e que o meu sentir tem a ver comigo e com o outro.

Importa, assim, produzir relações para vivenciar e experienciar o processo, tendo a consciência de que os produtos não são um fim em si e, se o for, que saibamos trabalhar o luto desse fim, valorizando o que foi vivenciado.

Considerando-se o exercício de religar arte e vida, finalizo este texto agradecendo à minha psicóloga, Cecília Martins, guia de caminhada em tempos tão difíceis; ao precioso espaço de liberdade provido por Valdir Lamim-Guedes; e a Dani Black, em sua arte de “Desnudar de tudo”, desvelada na letra que se segue:

Estava escrito numa pedra, enterrado numa cova, nas entranhas de uma gruta; esquecido como um livro de saberes e motivos. Estava ali. Estava ali bem esquecido, mas acharam, veio à tona. Muito em breve será lido para toda a humanidade que não aguenta de vontade de saber qual o sentido disto tudo, sermos sós. De Deus ser mudo. O que somos? Onde vamos? Onde erramos nestes anos? Por que há tanta maldade entre nós? Até se fala em um capítulo explicando todo o ciclo, destacando com um círculo, sublinhando o tal versículo, do porque o ser humano tem esse desejo insano de vencer: azar e sorte e o que vem depois da morte. Qual os passos neste enredo? Qual os termos do segredo? Por que temos tanto medo? Por que há tanta vaidade entre nós? Estava fechado bem ali, bem intocado, essa inesgotável fonte. Parecia tão distante, mas agora está defronte do horizonte e hoje todos vão saber. Finalmente estamos prestes a saber qual o critério que reluz todo o mistério, o mistério de ser vivo; o mistério de ser humano. Tudo isso está num plano que caiu das mãos de Deus. Veja ali, está lá para quem quiser olhar: o desnudar de tudo, o desnudar de tudo (DANI BLACK, 2020).

Daqui uns anos, imagino eu dialogando com outras/os leitoras/es e, ao reler essas minhas palavras, poder compreender e refletir sobre os meus lugares-caminhos desejanter e devires.

(ORGANIZADOR)
VALDIR LAMIM-GUEDES



A DOCÊNCIA EM PRIMEIRA PESSOA:

RELATOS SOBRE A EDUCAÇÃO BÁSICA E SUPERIOR DURANTE A PANDEMIA COVID-19

As (auto)biografias que integram esta obra apresentam informações de como o professor ou professora buscou informações para atender ao novo cenário, o que pode envolver aprendizagem aberta; assim como, a descrição de ações que foram desenvolvidas durante as aulas remotas, sendo que, no contexto de cada pessoa, provavelmente, foram inovações educacionais. Por fim, existem comentários sobre o que se aprendeu e experienciou durante a docência durante a pandemia de Covid-19 e que será, em parte, mantido com o retorno do ensino presencial.

A obra conta, além do prefácio e de uma introdução, com 64 capítulos redigidos por 65 pessoas de todas as regiões do país. Em grande medida o objetivo de termos textos em primeira pessoa que apresentam fatos, vivências e reflexões foi alcançado, assim, temos um conjunto representativo e que dá voz aos profissionais da Educação. Apesar das muitas dificuldades enfrentadas, fica evidente o esforço e dedicação dos docentes aos seus alunos, aspecto que tornar-se ainda mais necessário atualmente devido aos desafios do retorno ao ensino presencial e de minimizar os problemas decorrentes da pandemia de Covid-19.

